



Agricultura Alternativa: quem é seu herdeiro?

Maria Thereza Pedroso

Nas décadas de 80 e 90, no Brasil, profissionais e estudantes de Ciências Agrárias, especialmente aqueles que estavam profundamente preocupados com os impactos ambientais da adoção massiva do Pacote Tecnológico da Revolução Verde refletiam sobre o que, na época, chamávamos de Agricultura Alternativa. Existia um desejo comum: mudar a base da agricultura. Sou dessa geração. Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, quando estudante de Agronomia, tínhamos o GAE (Grupo de Agricultura Ecológica). Estudávamos todos os livros disponíveis sobre Agricultura Alternativa, tanto dos autores que faziam crítica ao modelo tecnológico da agricultura moderna, quanto dos que propunham mudanças ou linhas alternativas: Carson, Primavesi, Altieri, Chaboussou, Kiehl, Okada, Steiner, Howard etc. Não existia internet e os microcomputadores estavam começando a surgir no Brasil. Os livros eram raros e, por isso, compartilhados entre várias pessoas. Promovíamos palestras, estágios e visitas técnicas, participávamos dos EBAA e ERAAs (Encontros Brasileiros e Regionais de Agricultura Alternativa)

e, ainda, articulávamos com grupos de outras Universidades em fóruns da FEAB (Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil). Além disso, tínhamos a nosso favor, naquela Universidade, a influência de uma das mais importantes cientistas do Brasil: Dra. Johanna Döbereiner. Bons tempos. Mas eram tempos diferentes de agora. Naquela época, éramos tidos como contestadores. Não era *in fashion* contestar e, tampouco, havia financiamento governamental para iniciativas que questionavam o modelo tecnológico agrícola vigente.

Sinteticamente, aqui, reproduzo o que escrevi em artigo denominado “A agricultura sustentável: entre o ideal e a realidade” no ano passado: a agricultura alternativa é um “contraponto tecnológico” ao formato organizativo da agricultura, que singulariza o que a literatura chama de “agricultura moderna”, como o desmatamento, a erosão dos solos e a contaminação química dos recursos naturais e dos alimentos. Inicialmente, aqueles esforços contestadores foram chamados de “alternativos” e desencadearam algumas tentativas (especialmente das ONGs) de desenvolver e

propor às famílias rurais recomendações tecnológicas entendidas como inovadoras, além de novas formas de manejo de recursos naturais. A expressão “agricultura sustentável” também é utilizada para identificar esses mesmos propósitos. Mas é designação que ainda permanece comprometida por inúmeras dúvidas e contradições. Agricultura Sustentável, por exemplo, englobaria todas as tendências que compunham o campo de esforços da “agricultura alternativa”? Ou indicaria processos de “transição produtiva”, um movimento gradual de passagem dos formatos intensivos da agricultura moderna para outros padrões tecnológicos que absorvam menores quantidades (em volume e valor) de insumos agroindustriais – ou seja, significando um abrandamento paulatino das características economicamente mais marcantes da agricultura moderna? Ou seria ainda um esforço radical de construir um padrão radicalmente diferente, uma “outra agricultura”? Uma dissertação de mestrado, depois transformada em livro, de autoria de Eduardo Ehlers, escrita vinte anos atrás, é ainda convincente para demonstrar que essas perguntas permanecem sem respostas (e nem mesmo a expressão “agroecologia”, que sequer é citada no livro, responde às mesmas indagações).

O autor, após descrever sinteticamente os principais ingredientes factuais da história tecnológica que, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século seguinte, montaram o padrão moderno de agricultura, apresenta então os chamados “movimentos rebeldes”, as iniciativas de contestação que foram sendo desenvolvidas em contraposição àquele padrão. Foram, sobretudo, iniciativas de movimentos que valorizam potenciais biológicos dos processos produtivos, mas com diversas vertentes e, por consequência, elaboraram requisitos específicos e recomendações detalhadas, muitas ancoradas em orientações filosóficas que as sustentavam. As vertentes de agricultura chamadas de biodinâmica, orgânica e biológica surgiram na Europa, enquanto outra escola, a agricultura natural, surgiu no Japão. Tais movimentos se mantiveram por muitos anos marginalizados da produção agrícola e da comunidade científica agrônoma, ou por opção própria ou, então, porque jamais encontraram espaços institucionais para serem apresentados e debatidos. Nessas últimas décadas, foi intensificado o interesse por essas propostas e práticas alternativas, tanto por parte de ambientalistas como por parte de pequenos grupos de consumidores, assim como cresceu o interesse por setores da pesquisa agrônoma, pois foi despertado o interesse em métodos de produção capazes de reduzir o uso de insumos industrializados

Nas últimas décadas, foi intensificado o interesse por práticas alternativas, tanto por parte de ambientalistas como por parte de pequenos grupos de consumidores

e o consumo de energia fóssil. Dessa forma, têm sido intensificados os esforços para decifrar, em termos práticos, o significado da “agricultura sustentável”. Originalmente, imaginava-se que o desafio de conceituar e estabelecer “critérios” (ou indicadores) de uma agricultura sustentável seria menos complexo. Contudo, tal desafio ainda permanece em nossos dias.

Mais recentemente, no Brasil, vem ganhando espaço em termos de discurso e de financiamento público, pensamentos altamente idealizantes e românticos, que julgam factíveis a ocorrência de uma série de mudanças do manejo agrônomo associada às transformações das relações sociais que conformarão um novo padrão societário. Esse último tem sido defendido pelo movimento da “agroecologia” e sua “nova forma de fazer ciência”.

No entanto, são visíveis os avanços em direção a uma agricultura mais sustentável, justamente por meio do contínuo avanço das Ciências Agrícolas. Ou seja, a partir do acúmulo no aprendizado nesse campo da ciência é que são desenvolvidas ou adaptadas tecnologias com menor externalidade ambiental negativa possível. São exemplos muitas das quais desenvolvidas na Embrapa Hortaliças: cultivares resistentes às doenças e manejo de plantas e pragas, que diminuem a necessidade do uso de agroquímicos; manejo de solo e água para diminuir o desperdício; e manejo pós-colheita que minimizam as perdas de produtos. Portanto, entendo que esses avanços agrônomo é que são os herdeiros da “Agricultura Alternativa” e que estão transformando realmente (e não apenas idealmente), a agricultura brasileira, elevando-a para um patamar mais sustentável. 🌱

Maria Thereza Pedroso
Engenheira Agrônoma
Mestre em Desenvolvimento Sustentável
Pesquisadora da Embrapa Hortaliças

